



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

RESSIGNIFICANDO A MEMÓRIA SOCIAL: O PROCESSO DE FOLKCOMUNICAÇÃO NO MUSEU DO ALTO SERTÃO DA BAHIA

Zamana Brisa Souza Lima^{##}
(UFBA)

José Claudio Alves de Oliveira^{§§}
(UFBA)

RESUMO

O presente artigo trata da relação entre a memória e as representações que surgem no processo de (re)configuração socioespacial de um território específico. Para isso, o texto se baseia na Folkcomunicação - processo de comunicação e cultura popular. Pensando nas novas demandas sociais, e sistematizando parte de uma pesquisa em andamento, o artigo problematiza o museu como um estratégico lugar para os elementos da cultura e da comunicação popular. Assim, apresenta o Museu do Alto Sertão da Bahia (MASB), instituição sediada na cidade de Caetité, Bahia, Brasil, que congrega núcleos na cidade, nos perímetros urbano e rural, além de núcleos nas cidades de Guanambi e Igaporã. O texto pretende mostrar o museu enquanto meio do processo folkcomunicação no âmbito das ações, ideias e opiniões ligadas à cultura popular, ao saber, e, conseqüentemente, às memórias de um povo, como por exemplo, os grupos de ternos de reis e o seu processo de se comunicar e comunicar. O seu desenvolvimento e quadro teórico se abriga em autores como Luiz Beltrão, Hugues de Varine-Bohan, José Marques de Melo, Milton Santos e outros. A metodologia está baseada em pesquisas qualitativas com utilização de observação direta.

^{##}

^{§§} *Mestranda em Museologia, Universidade Federal da Bahia. Membro do Grupo de Estudos sobre Cibermuseus (GREC) e Núcleo de Pesquisas sobre Ex-votos (NPE). E-mail: zamanabrisa@hotmail.com.

**PhD em Comunicação e Cultura Contemporâneas; Professor Associado da UFBA e Chefe de Departamento do curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia, Coordenador do Grupo de Estudos sobre Cibermuseus (GREC) e Núcleo de Pesquisas sobre Ex-votos (NPE). E-mail: claudius@ufba.br.



PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação, Museu, Memória.

INTRODUÇÃO

MASB: UM MUSEU DE TERRITÓRIO COMO MEIO E ESTRATÉGIA DE FOLKCOMUNICAR

O MASB, cujo nome é padrão como um resgate às primeiras menções territoriais imagéticas dos primeiros moradores da região, o “alto sertão”, é um Museu de Território, vocação que foi se delineando na medida em que foi constatada a ausência de instituições congêneres neste território específico. Dialogando diretamente com a política de organização dos Territórios de Identidade da Bahia, este museu deve atuar nos denominados “Sertão Produtivo” e em parte do “Velho Chico”, representado pelo município de Igaporã e Guanambi (PLANO MUSEOLÓGICO MASB, p. 10, 2012), partindo do pressuposto de que:

Um museu-território é a expressão do território, qualquer que seja a entidade que toma iniciativa e a autoridade que o controla (...). Seu objetivo é a valorização desse território e, sob esse ponto de vista, é realmente um instrumento do desenvolvimento em primeiro grau (...). O patrimônio do território torna-se um pretexto para refletir seriamente sobre o presente e o futuro. E para se perguntar o que é possível fazer para avançarmos todos juntos, graças a esse laço que o patrimônio constitui para cada um. (VARINE-BOHAN, 2012, p.185)

Alinhando-se aos conceitos de Varine-Bohan (2012), tanto a sede do museu - conhecida como Casa da Chácara -, quanto os núcleos de povoação muito comuns na época da colonização da região, esse museu e seus núcleos dialogam com uma forma de ‘museu-processo’ que não possui características usualmente atribuídas a museus que tendem relacionados com instituições tipologicamente tradicionais.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Pessoas, construções, árvores centenárias, ruas, saberes, fazeres, histórias, crendices, tudo parece estar embutido no dia a dia de comunidades, está incluso na tipologia e no modelo participativo desse museu; configurando-se como um “museu dinâmico, alicerçado nos saberes, fazeres e culturas populares” aproximando-se das premissas propostas por Beltrão ao criar a Folkcomunicação. (PLANO MUSEOLÓGICO MASB, 2009, p.103)

Além disso:

De instituições elitistas, colonizadoras, sectárias e excludentes, os museus têm procurado os caminhos da diversidade cultural [...] De instituições isoladas e esquecidas, os museus têm valorizado a atuação em redes e sistemas, procurando mostrar a sua importância para o desenvolvimento socioeconômico. (BRUNO, 2007, p. 6)

É desta maneira que, num território específico, exposições, oficinas, ciclos de debates e demais atividades do MASB, museu em fase de implantação, poderão funcionar como meios e estratégias de comunicação popular ao expor: obrigações de benzedeadas, causas de parteiras, preces de curandeiros, práticas e ofícios da região, assim como a linguagem do povo sertanejo, mitos locais, diversidade religiosa e suas influências socioculturais, além do saber, fazer e o saber fazer de determinado grupo social.

Por ser um museu de vocação territorial, torna-se necessário enfatizar que o conceito de território para o qual se inclina o MASB em seu plano museológico, está baseado nas ideias do geógrafo Milton Santos (1996):

Tomamos então, por base, o conceito de território presente na tese de Maria do Carmo M. M. dos Santos, por sua vez baseado nas ideias do geógrafo Milton Santos: O território não é apenas forma, mas produto do trabalho humano, que resulta na construção de um domínio ou de uma delimitação do vivido territorial, assumindo múltiplas formas e determinações; é tanto resultado do processo histórico quanto a base material e social das novas ações humanas. (PLANO MUSEOLÓGICO MASB, 2009, p.111)



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Em seu plano museológico, o MASB é configurado como um museu que preza pelos processos museológicos comunitários e, neste sentido, encontra-se os museus de tipologias territoriais que envolvem os perímetros urbanos e rural. Dessa forma, entende-se que:

A configuração territorial é dada pelo conjunto formado pelos sistemas naturais existentes em um dado país ou numa dada área e pelos acréscimos que os homens superimpuseram a esses sistemas naturais. A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima. (SANTOS, 1996, p. 51).

Além disso, faz-se necessário ressaltar que, independente de sua tipologia e do território abrangido, o museu é uma instituição a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, prezando por memórias, histórias e patrimônios. Varine-Bohan (1995) é categórico ao afirmar que o museu pode desempenhar um papel libertador das forças criativas da sociedade, para a qual o “patrimônio não é apenas um objeto de deleite, mas antes de tudo uma fonte maior de desenvolvimento” (VARINE-BOHAN, 1995, p.19).

Percorrendo caminhos interdisciplinares voltados para uma legítima preocupação imersa no abrangente campo museal, é possível afirmar que:

O mundo dos museus está ligado à noção de patrimônio, mas vai, ainda, muito além disto. O questionamento crítico e teórico do campo museal é a museologia, enquanto que o seu aspecto prático é designado como museografia. Para cada um desses termos não existe apenas uma, mas várias definições que se transformaram com o passar do tempo. (DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. 2014, p. 23)

De acordo com Lima e Oliveira (2014), “a Museologia passou, ao longo dos anos, por muitas transformações até que pudesse alcançar públicos variados” e colocou-se ao dispor de nítidas mudanças ao serviço da sociedade, empenhando-se em “quebrar paradigmas”. Também engajou-se em “idéias mais ampliadas de museu e de patrimônio



em nome de uma maior acessibilidade”. O resultado de tais transformações “possibilitaram a existência dos tipos museológicos conhecidos na contemporaneidade”. (LIMA e OLIVEIRA, 2014, p.3 e 4).

Por isso mesmo é que tornar-se possível concordar com Desvallées, A.; Mairesse, F. (2014), que, sobre o termo museu, ponderam :

O termo “museu” tanto pode designar a instituição quanto o estabelecimento, ou o lugar geralmente concebido para realizar a seleção, o estudo e a apresentação de testemunhos materiais e imateriais do Homem e do seu meio. A forma e as funções do museu variaram sensivelmente ao longo dos séculos. Seu conteúdo diversificou-se, tanto quanto a sua missão, seu modo de funcionamento ou sua administração. (DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. 2014, p. 65)

No Brasil, especificamente, o conceito de museus e seus processos, são amparados pela legislação, destacando-se a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, o Estatuto de Museus:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (ESTATUTO DE MUSEUS, 2009, Art. 1º)

Pelos conceitos previstos em leis e teorizados por pesquisadores e profissionais de museus, por estar ao serviço da sociedade, apresentar testemunhos materiais e imateriais do homem, voltar-se para uma noção de patrimônio mais ampla e interdisciplinar, o museu pode ser um meio estratégico que auxilie o processo folkcomunicação.



A ORIGEM DA FOLKCOMUNICAÇÃO

No ano de 1967 ocorreu um importante marco histórico para o campo comunicacional brasileiro. O jornalista Luiz Beltrão de Andrade Lima defendia sua tese de doutorado na Universidade de Brasília (UNB). Nascido na cidade de Recife no ano de 1918 e falecido em Brasília no ano de 1986, Beltrão destacou-se academicamente ao escrever a primeira tese de doutorado em Ciências da Comunicação. Tal protagonismo acabou por estabelecer as novas bases de uma nova disciplina científica, a Folkcomunicação.

O marco histórico aconteceu devido a fuga proposital do foco das teorias da Comunicação que estavam mais voltadas para as “formações semióticas e semiológicas” que teciam “construções nos campos do estruturalismo” e “sustentavam ainda mais a idéia do Jornalismo” (OLIVEIRA, 2010, p.1).

Em sua tese, Beltrão tratou de pesquisas que refutassem “a idéia dominante da onipotência midiática” em que “a mídia consegue mobilizar a atenção coletiva dos usuários, mas seus efeitos são mediados por líderes de opinião” (MELO, 2001, p.14). Essa era uma perspectiva resultante de pesquisas empíricas realizadas nos Estados Unidos.

Já no Brasil, Beltrão, citado por Marques de Melo (2001), verificou que:

O papel das lideranças grupais é exercido, no campo, cidades do interior ou nas periferias metropolitanas, por agentes folkcomunicacionais. Estes recodificam as mensagens midiáticas, reinterpretando-as de acordo com os valores comunitários. (MARQUES DE MELO, 2001, p.14)

Desde então, Luiz Beltrão, jornalista e professor de comunicação, era considerado o pioneiro das Ciências da Comunicação no Brasil. A presença da Folkcomunicação como disciplina integrante do segmento das ciências da informação individual ou a Folkcomunicação enquanto disciplina componente das ciências da informação, dentre outros autores e obras, está justificada no livro Comunicação Social: Teoria e Pesquisa



(1970), de José Marques de Melo. Esse mesmo autor trata da Folkcomunicação como integrante das ciências da informação no livro Teoria da Comunicação: paradigmas latino-americanos (1998).

Além da Folkcomunicação e de criar, em 1965, a primeira revista científica dedicada a temas comunicacionais no Brasil, é possível destacar outros vanguardismos:

Seu pioneirismo é multifacetado. Ele fundou o primeiro centro nacional de pesquisas acadêmicas sobre comunicação - o ICINFORM (Instituto de Ciências da Informação) - na Universidade Católica de Pernambuco, em Recife, 1963. Criou ainda a primeira revista científica brasileira dedicada a temas comunicacionais - Comunicações & Problemas, também na cidade do Recife, 1965. Tornou-se, finalmente, o primeiro Doutor em Comunicação diplomado por universidade brasileira, ao defender na Universidade de Brasília, em 1967, a tese Folkcomunicação - Um estudo dos Agentes e dos Meios Populares da Informação de Fatos e Expressão de Idéias. (MARQUES DE MELO, 2014, p.29)

Os feitos, as pesquisas e a vasta bibliografia de Luiz Beltrão corroboraram para o título de pioneiro, e o seu legado intelectual é inquestionável. A competência desse professor o fez perceber que o sistema comunicacional convencional não dava conta de transmitir as mensagens de características folclóricas de suas pesquisas. Assim, conclui Beltrão (2001) citado por Marques de Melo (2014):

A “tradução” das mensagens para os códigos locais não era processada individualmente, por típicos “líderes de opinião”. Sua pesquisa reuniu evidências distintas. Os conteúdos midiáticos, em zonas distanciadas dos centros urbanos ou nas periferias metropolitanas, passavam por leituras grupais ou traduções comunitárias, efetuadas por “agentes coletivos”. (MARQUES DE MELO, 2014, p.18)

E, inclinando-se para a comunicação popular e manifestações espontâneas de grupos sociais, Beltrão articulou “o termo Folk – popular, espontâneo, irreverente diante de instituições e datas” com o “termo comunicação, refletindo na transmissão, nas trocas, na difusão” (OLIVEIRA, 2010, p.2).



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Beltrão era declaradamente apaixonado pelo folclore e cultura popular. Mantinha profundo interesse pelas classes trabalhadoras e uma sensibilidade aguçada para compreender sobre as articulações diárias das camadas sociais menos favorecidas, definindo, ele mesmo, a folkcomunicação:

Eu estudei alguns grupos que utilizam a folkcomunicação, isto é, meios não-formais de comunicação ligados direta ou indiretamente ao folclore. Então eu vi que alguns desses grupos têm capacidade de integração na sociedade, apenas não concordam com essa sociedade. Os grupos a que me refiro são os culturalmente marginalizados, contestam a cultura dominante. (BELTRÃO, 1987, p.5)

Estes são conceitos altamente articulados com as ideias de Beltrão quando, na primeira revista científica sobre temas voltados para a comunicação, em 1965, publicou um ensaio monográfico intitulado “O ex-voto como veículo jornalístico”. No ensaio, Beltrão afirmava que os meios ortodoxos não são os únicos veículos de manifestação e comunicação massiva. O ensaio monográfico é citado por Marques de Melo (2001):

Não é somente pelos meios ortodoxos - a imprensa, o rádio, a televisão, o cinema, a arte erudita e a ciência acadêmica - que, em países como o nosso, de elevado índice de analfabetos e incultos, ou em determinadas circunstâncias sociais e políticas, mesmo nas nações de maior desenvolvimento cultural, não é somente por tais meios e veículos que a massa se comunica e a opinião se manifesta. Um dos grandes canais de comunicação coletiva é, sem dúvida, o folclore. As conversas de bôca de noite, nas cidades interioranas, na farmácia ou na barbearia; da troca de impressões provocada pelas notícias trazidas pelo chofer de caminhão, pelo representante comercial ou pelo ‘bicheiro’; ou, ainda, pelos versos do poeta distante, impressos no folheto que se compra na feira, e pelos ‘martelos’ do cantador ambulante; pelos inflamados artigos do jornalista matuto ou pelas severas admoestações dos missionários; do raciocínio do homem solitário no seu trabalho na floresta, na caatinga ou na coxilha - é que surgem, vão tomando forma, cristalizando-se as idéias-motrizes, capazes de em dado instante e sob certo estímulo, levar aquela massa aparentemente dissociada e apática a uma ação uniforme e eficaz. (MARQUES DE MELO, 2001, p.49)



Beltrão foi também responsável por classificar os “fenômenos da comunicação popular”, que, segundo OLIVEIRA (2010) são:

Conceituados como gêneros folkcomunicacionais, que compreende as formas interpessoais ou grupais de manifestação cultural difundida pelo povo, por comunidades, urbanas ou rurais. Tais gêneros são os caracterizadores dos mecanismos artesanais de difusão simbólica que expressam, em linguagem popular, mensagens. (OLIVEIRA, 2010, p.2)

A priori, é de causar certo espanto que as manifestações populares sejam partes integrantes do universo das Ciências da Comunicação. De outro modo, é legítimo que o folclore possa ser um grande canal da comunicação coletiva e valorize os saberes e fazeres de determinados grupos sociais. Ainda mais genuíno é prestar atenção na maneira com que as informações podem ser (re) interpretadas, (re)significadas e preservadas.

OS PROCESSOS FOLKCOMUNICACIONAIS NO ALTO SERTÃO DA BAHIA

Pensar na cultura popular, em manifestações espontâneas, em festas e comidas típicas e tradicionais, literatura de cordel, ex-votos, simpatias e rezas, na toada do vaqueiro, nos cantos dos boiadeiros e das lavadeiras, festivais de ternos de reis, cordéis, dentre outros, é pensar que estes meios de comunicação são capazes de manifestar opiniões diversas.

Para tratar de algumas de uma dessas manifestações, o terno de reis, destaca-se a cidade de Caetité, município baiano, situado a cerca de 800 km da capital, Salvador, numa região que parece ter incorporado o nome autodenominativo de Alto Sertão, que mais parece estar relacionado aos antigos limites “imaginários” entre Bahia e Minas Gerais.



A região do alto sertão sofreu forte influência de bandeirantes que estavam à procura de minérios e foi constituída “historicamente com a criação de gado vacum”, os denominados “currais da Bahia”, na extensão do São Francisco ao Rio das Velhas “e, posteriormente, com a mineração, na Chapada Diamantina” (PIRES, 2009, p. 104).

Além estarem estimulados pela fama das riquezas minerais, os bandeirantes estavam à procura de sertanejos, dentre os quais, destacam-se os vaqueiros e tropeiros, além de índios e escravos que habitavam a região. É possível que muitos desses sertanejos indígenas tenham se aliado aos escravos fugidos e tenham sido fundamentais na criação de quilombos da região, como por exemplo, o quilombo do Bonito, atual cidade de Igaporã:

Retornou à Caetité e aquilombou-se em Bonito (atual Igaporã). Assim como muito escravos, “Cezário” revelou-se obstinado na luta pela permanência no lugar “d’onde era natural”, queria estar ao lado de sua família e amigos. Resistia pela segunda vez às tentativas de sua venda, “[há] trez anos [...] tinha fugido”(PIRES, 2009, p. 63)

Muitas associações de comunidades quilombolas ainda resistem na cidade de Caetité. Outras lograram o título de cidade, como Igaporã. O quilombo do Bonito pertenceu à cidade de Caetité, que contava com outros distritos de acordo com a Lei provincial número 995, de 12 de outubro de 1867. As duas cidades mantiveram-se em períodos de longa disputa judicial até que houvesse a efetiva emancipação deste município do de Caetité.

Estes dois municípios ainda mantêm a tradição de cantar para o Menino Deus no mês de dezembro, reunindo-se em grupos de ternos de reis. Também em nome da memória, tradição e da cultura folclórica, as cidades promovem, separadamente, festivais de ternos de reis.

Torna-se, então, possível concordar com Avancini (1994, p. 12) na afirmação de que define cultura como “tudo aquilo que é produzido pelo homem, ou tudo aquilo que



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

não é natureza”. Assim, a cultura popular se expressa nas manifestações realizadas em grupo.

Partindo de tais pressupostos é possível afirmar que os grupos sociais possuem determinadas culturas adquiridas através de práticas, de maneira temporal, são mantidos através das gerações e, pelo fato de repetir-se, determinados conhecimentos, anônimos ou não, acabam por se configurar como tradicionais. Nessa perspectiva, Marilena Chauí (2005, p. 138), é categórica ao afirmar que “a memória é uma evocação do passado, uma capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi salvando-o da perda total”.

Assim, não é aleatório pensar nas muitas heranças e no importante legado deixado por sertanejos dessa região: vários saberes populares herdados e acumulados de geração em geração, como as preces, novenas e rituais cristãos e suas devoções a padroeiros locais, tocadores de reis que saúdam os presépios do “Menino Deus” no mês de dezembro, tapeceiros, ceramistas, rezadeiras, curandeiros, dançantes do “bumba-meu-boi”, donas de casas que guardam as receitas de comidas típicas e de ervas curadoras, dentre outros, são fortemente presentes.

Quanto aos índios sertanejos nativos da região, até o momento, não houve acesso a documentação necessária para a compreensão do processo pelo qual esses índios foram extintos e, portanto, não se pode afirmar sobre um suposto genocídio ou dominação cultural ou social, ou, até mesmo, um extermínio não citado na historiografia local e regional.

A falta de documentação e o silêncio (muitas vezes proposital) dos memorialistas locais mais antigos não revela fatos sobre os índios, pois seus discursos citam a tradição (ou a inventam) e as narrativas tendem a narrar sobre a construção de um passado ideal.

Mas algumas mudanças tem surgido do testemunho de histórias que estavam silenciadas. Cerca de “180 sítios arqueológicos” comprovam a existência dos primeiros moradores de Caetité, com achados que chegam a datar 6 mil anos e colocam em cheque



o silêncio de um passado não tão narrado e conhecido. (PLANO MUSEOLÓGICO MASB, 2009, p.109).

Pontas de lanças, fragmentos de arcos e flechas, potes de barro, resíduos de alimentos nativos específicos, indícios de fogo, objetos cortantes, pinturas rupestres, dentre outros, são hoje o testemunho histórico dos índios que um dia existiram na região. Esses testemunhos são um dos resultados da instalação de complexos eólicos na região, cujas obras demandaram licenciamentos arqueológicos, escavações e geração de grandes acervos.

Sem uma instituição que pudesse abrigar as mais de vinte mil peças encontradas na região, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) direcionaria todo acervo para a Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus/BA, município que fica a cerca 500 km de distância do local onde foram encontrados os achados arqueológicos.

Em virtude disso, surge, em 2011, o projeto do MASB como uma demanda de moradores, das secretarias municipais, professores e alunos da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), entre outros segmentos e líderes comunitários, com o objetivo principal de criar um espaço para a salvaguarda e pesquisa dos acervos arqueológicos encontrados após os licenciamentos ambientais realizados pelas empresas de energia eólica instaladas nessa região, que abrangeu, *a priori*, os municípios de Caetité, Guanambi e Igaporã.

Trata-se de um museu criado pela **Lei Municipal de nº 761/2013**, que possui uma sede física na cidade de Caetité e dez núcleos que abrangem os municípios vizinhos de Guanambi e Igaporã, a saber: Escola Emiliana Nogueira Pita, comunidade quilombola Pau Ferro do Joazeiro, Movimento de Mulheres Camponesas, Instituto de Educação Anísio Teixeira e Sítio Arqueológico Moita dos Porcos, em Caetité; Colégio Municipal do Tamboril, comunidade quilombola Gurunga e Espaço Cultural, em Igaporã; Associação de Curral de Varas e Associação de Pajeú do Josefino, em Guanambi.



CONCLUSÕES

Mesmo em processo, o MASB, já em seu plano museológico, é possível perceber que esta instituição é pautada num modelo mais participativo de construção dos processos comunicacionais, e já mostra uma preocupação em se adequar à sociedade contemporânea, ao se libertar do espaço-sede para, por meio de núcleos, tornar-se mais acessível aos seus diversos *stakeholders*.

Preocupa-se também com caminhos voltados para a diversidade cultural, além de voltar-se para o mapeamento e monitoramento de patrimônios, paisagens, memórias, saberes e outras referências patrimoniais, dentre as quais destacam-se as manifestações folclóricas e populares do Alto Sertão.

Dessa forma, é possível refletir sobre a vocação territorial desse museu, numa perspectiva em que as configurações socioespaciais de seus núcleos incidam diretamente na (re)significação da memória, já que o museu é de maneira ampla e mais objetiva, como “uma instituição museal permanente, que preserva as coleções de ‘documentos físicos’ e produz conhecimento a partir deles”. (DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. 2014, p. 65)

O museu é também entendido como “um lugar em que as coisas e os valores que se ligam a elas são salvaguardados e estudados, bem como comunicados enquanto signos para interpretar fatos ausentes”. Mas o conceito de museu mais alinhado a esta pesquisa é de um lugar “**apreendido como um lugar de memória**”, que possa englobar “**as instituições, os lugares diversos ou os territórios, as experiências, ou mesmo os espaços imateriais**”. (DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. 2014, p. 65) (grifos nossos)

Os processos de pertencimento e identificação eminentes das manifestações folclóricas quando nas exposições do MASB, sendo elas itinerantes ou não, podem possibilitar e facilitar com que o objeto folkcomunional expresse funções e significados para além do objeto e um espaço físico.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Nesse sentido, o MASB é um possível e estratégico lugar para folkcomunicar elementos diversos da memória, da cultura popular e do folclore, configurando-se, então, como um meio do processo folkcomunicacional no âmbito das ações, ideias, opiniões ligadas direta ou indiretamente às culturas populares desse território específico.

Nessa medida, o MASB não estará voltado para ações que atraiam visitantes, e sim, ações que preservem as referências patrimoniais e folclóricas associadas às identidades socioculturais do Alto Sertão da Bahia.

REFERÊNCIAS

- AVANCINI, Aldo. *Cultura Brasileira: O que é como se faz*. São Paulo: Edições Loyola. 1999.
- BELTRÃO, Luiz. **A folkcomunicação não é uma comunicação classista** (entrevista), Revista Brasileira de Comunicação, Ano X, n. 57, São Paulo, INTERCOM, p. 5-15. 1987
- _____. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BRUNO, Cristina. **Museus e patrimônio universal**. V Encontro do ICOM Brasil. Fórum dos Museus de Pernambuco. 2007. Disponível em: <http://www.icom.org.br/texto%20Cristina%20Bruno.pdf> Acesso em 19 de dezembro de 2015.
- DESVALLÉS, A., & MAIRESSE, F. **Conceitos-chave de museologia**. São Paulo: Armand Colin; Comitê Internacional para Museologia do ICOM; Comitê Nacional Português do ICOM. 2014. Disponível em: http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia_pt.pdf Acesso em 07 de novembro de 2014.
- LEI Nº 11.904. Estatuto de Museus. 2009. Disponível em:** http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm Acesso em 12 de outubro de 2014.
- LIMA, Zamana Brisa & OLIVEIRA, J. Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação - INTERCOM, Foz do Iguaçu. **Ciberspaço: um possível caminho para o patrimônio cultural**. O caso do Museu do Alto Sertão da Bahia. ISSN 2175-4683.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

_____. Encontro Multidisciplinares em Cultura, Faculdade de Comunicação – ENECULT, UFBA. Salvador, Bahia, Brasil. **O Real e a Realidade Virtual Na Museologia**. ISSN 2318-4035.

MARQUES DE MELO, José e Gurgel, Eduardo Amaral. **Luiz Beltrão: Singular e Plural** – São Paulo : INTERCOM. Coleção Beltranianas; vol. 7. 2014

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio** (um estudo de história regional e local). Salvador: EDUFba; Feira de Santana: UEFES. 1998

OLIVEIRA, J. Democracia da informacao. **Uma perspectiva da folkcomunicação e da mídia classica entre os museus dos ex-votos e salas de milagres**. Revista Internacional de Folkcomunicação, vol 8, nº16. 2010. Disponível em: <http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=article&op=view&path%5B%5D=1292> Acesso em 10 de maio de 2014.

PIRES, Maria de Fátima Novaes. **Fios da vida: trafico internacional e alforrias nos Sertões de Sima – BA (1860-1920)**. São Paulo: Annablume. 2009

PLANO MUSEOLÓGICO MAB. Volume II. **Plano Museológico do Museu do Alto Sertão da Bahia**. 2012. CD-ROM

REVISTA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO, Ano 1, n. 1. **Folkcomunicação, contribuição brasileira à Teoria da Comunicação**. Disponível em: <http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=468&path%5B%5D=301> Acesso em: 20 de agosto de 2014.

SANTOS, M. **A natureza do espaço** – Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec. 1996

VARINE-BOHAN, Hugues de. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Porto Alegre: Medianiz. 2012.

_____. A respeito da Mesa-Redonda de Santiago. IN: ARAÚJO, Marcelo Mattos & BRUNO, Maria Cristina Oliveira (orgs). (1995). **A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos**. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, p. 19. 1995.